

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

TAYARA CAMILA DA COSTA OLIVEIRA

**AUTISMO: MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM.**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2020

TAYARA CAMILA DA COSTA OLIVEIRA



AUTISMO: MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof^a. Dra Ivone T. Carletto de Lima

MEDIANEIRA

2020



Termo de aprovação

Autismo: Métodos e Técnicas Utilizados no Processo de Ensino/ Aprendizagem

Por

Tayara Camila da Costa Oliveira

Esta monografia foi apresentada às 10 h do dia 10 de outubro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^ª. Dra. Ivone Teresinha Carletto de Lima
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Dr. Willian Arthur Philip L Naidoo Terroso de Mendonça Brandão
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^ª. Ms Adriano Hidalgo Fernandes
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

Dedico essa monografia ao senhor meu Deus que me deu o dom da vida e tem me sustentado em todos os momentos. A minha família, amigos e mestres, por me apoiarem e me incentivarem. Às crianças com Autismo, que me proporcionaram um crescimento como pessoa e profissional, sou eternamente grata.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais José e Maria e demais familiares pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

A minha orientadora professora Dra. Ivone Teresinha Carletto de Lima pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância, em especial ao tutor presencial Adriano Hidalgo Fernandes, que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino”. (LEONARDO DA VINCI)

RESUMO

OLIVEIRA, Tayara. Camila da Costa. Autismo: Métodos e Técnicas Utilizados no Processo de Ensino/Aprendizagem. 2020. 40 folhas. Monografia (especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

O Transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno global do desenvolvimento infantil manifestando-se antes dos três anos de idade, prolongando-se por toda a vida. É caracterizado por vários sintomas que afeta as áreas sociais, de comunicação e do comportamento. Este trabalho aborda sobre os métodos e técnicas utilizados com crianças autistas no âmbito escolar. Para tanto, a pesquisa descreve o autismo e relata brevemente o seu contexto histórico e desenvolvimento, mostrando as dificuldades enfrentadas pelos pais e profissionais que trabalham com crianças que tem o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo foi de demonstrar as principais técnicas a serem trabalhadas para uma aprendizagem mais significativa, sendo elas a Análise Aplicada ao Comportamento (ABA) que tem a finalidade de desenvolver no autista competências em relação à comunicação, interação, adaptação social e autonomia. Sua metodologia é baseada na execução de atividades e na observação dos comportamentos oferecidos como resposta, o Sistema de Comunicação Mediante a Troca de Figuras (PECS) que tem o objetivo de possibilitar ou ampliar a comunicação de pessoas com distúrbios de desenvolvimento, principalmente quando se trata do autismo. Esse método ajuda o autista a compreender que através da comunicação realizada pela troca de figuras, pode se obter de maneira mais rápida o que deseja. O Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Distúrbios Correlatos da Comunicação (TEACCH), consiste em um método em que é possível a organização e sistematização de tarefas a serem realizadas, de modo que o aprendizado das crianças seja mais eficaz e fácil, ajudando a criança modificar seus comportamentos de distração, resistência a mudança e na falta de motivação. A presente pesquisa se justifica pela necessidade de entender como ocorre a escolha e a utilização de métodos e técnicas utilizadas pelos docentes no ambiente escolar, a fim de melhorar as práticas diárias, e contribuir para o desenvolvimento e formação do aluno autista. Diante do exposto buscou-se descrever alguns métodos e técnicas utilizados pelos docentes na educação especial, bem como levantar e identificar como ocorre a efetivação desses métodos e técnicas, por meio de levantamentos de referências bibliográficos para melhor atender as especificidades desses alunos.

Palavras-chave: Autismo. Transtorno. Docentes. Criança. Aprendizagem.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Tayara. Camila Da Costa. Autism: Methods and Techniques used teaching in learning process. 2020. 40 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a global disorder of child development that manifests itself before the age of three, and lasts for a lifetime. It is characterized by several symptoms that affect the social, communication and behavioral areas. This work will deal with the methods and techniques used with autistic children in the school environment, so we will start by describing autism and reporting a little about its historical context and development, showing the difficulties faced by parents and professionals who work with children who have the Autistic Spectrum Disorder (ASD), aiming to demonstrate the technical principles to be worked on for a more meaningful learning, being the Applied Behavior Analysis (ABA) that comes with the purpose of developing in the autistic, skills in relation to communication, interaction, social adaptation and autonomy, where its methodology is based on the execution of activities and the observation of the behaviors offered as a response, The Communication System Through the Exchange of Figures (PECS) which aims to enable or expand the communication of people with disorders development, especially when it comes to autism, this method helps autism you understand that through the communication made by the exchange of figures, you can get what you want more quickly. And the Treatment and Education for Autistic and Children with Correlated Communication Disorders TEACHH, a method where it is possible to organize and systematize tasks to be performed, so that children's learning is more effective and easier, helping the child modify their behaviors. distraction, resistance to change and lack of motivation. This research is justified by the need to understand how the choice and use of methods and techniques used by teachers in the school environment occurs, in order to improve daily practices, contributing to the development and training of autistic students. In view of the above, it was sought to describe some methods and techniques used by teachers in special education, as well as to survey and identify how these methods and techniques are carried out, by means of surveys of bibliographic references in order to better meet the specificities of these students.

Keywords: Autism. Upheaval. Methods, Teachers. Child. Learning.

LISTA DE SIGLAS

ABA – Análise Aplicada ao Comportamento

AIA – Associação para Inclusão e Ação ao Austista

AMA – Associação de amigos do Autista

ASA – American Society for Austim

AVD – Atividades de vida diária

AVP – Atividades de vida prática

BACB – Behavior Analyst Certification Board

DSM – Diagnostic and Statistical

PECS – Sistema de Comunicação Mediante a Troca de Figuras

PER-P – Perfil Psicoeducacional Revisado

TEA – Transtorno do Espectro Austista

TEACCH – Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Distúrbios Correlatos da Educação

TDP – Transtorno de Desenvolvimento Pervasivo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 _ Tripé do Espectro Autístico.....	18
Figura 2 – Rotina diária (Método TEACCH).....	24
Figura 3 – Imagens de correlação utilizadas no método ABA.....	27
Figura 4 – Imagens utilizadas no método PECS.....	30

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	11
2.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
3.DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	15
3.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	15
3.2 O QUE É O AUTISMO?	16
3.3 COMO ACONTECE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇA AUTISTA?	20
3.2.1 Métodos e Técnicas Utilizados na Formação do Aluno Autista	21
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

Silva *et al* (2012) expõe, detalhadamente, como é uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas especificidades. De acordo com a autora, o TEA é “um transtorno global do desenvolvimento infantil manifestando-se antes dos três anos de idade, prolongando-se por toda a vida. O TEA pode ser caracterizado por “um conjunto de sintomas que afeta as áreas da socialização, comunicação e do comportamento”, e destaca que, dentre estas áreas, em real, a mais comprometida é a comunicação social (SILVA et al. 2012, p.6).

Segundo Klin (2006) os estudos realizados por Leo Kenner (1943) e Hans Asperger em relação ao autismo foram os primeiros a pesquisar sobre essa temática, onde identificaram também que este transtorno é mais comum em meninos, devido a fatores genéticos, apesar de que não exista um único gene que determina o autismo. Nos anos 60, devido à epidemia de rubéola, foram associados os fatores ambientais a crianças autistas. As mulheres que adquiriam a doença no período de gestação os fetos das mulheres que adquiriram a doença no período da gestação poderiam nascer com o transtorno, além de outros fatores ambientais, como o alcoolismo, substâncias abortivas, dentre outros (KLIN, 2006).

O autismo é um transtorno complicado, tanto em nível de investigação, quanto de tratamento, prejudicando diferentes aspectos da comunicação, que também influencia no comportamento do indivíduo.

Levando em consideração todas as alterações causadas pelo TEA, ensinar nunca foi uma tarefa simples como alguns pensam. Pelo contrário, esse processo necessita de uma série de habilidades e competências para que o professor possa diferenciar e associar fatores individuais, sociais, internos e externos, que induzem o tempo todo no ensino.

Ao incluir uma criança autista em sala de aula, muitos professores apresentam dificuldades em lidar com essas crianças e situações, desconhecendo as várias alterações desse transtorno. De fato, ainda é um muito complicado o ensino para crianças autistas, visto que existem uma série de implicações que não permitem que a palavra inclusão seja totalmente vivenciada no cotidiano na maioria das escolas públicas. Partimos da premissa que isso é decorrente da falta de incentivo e investimentos governamentais, por carência na assistência e parceria de todo o grupo

pedagógico, e pela falta de formação continuada do professor ou mesmo pelo conceito de que crianças autistas não aprendem ou aparentem dificuldades acentuadas.

Dessa maneira, estudar o autismo, os métodos e técnicas contribuem para ampliar o conhecimento na área e para a formação de profissionais da educação básica na concepção da inclusão escolar. Nesta concepção, essa temática insiste na necessidade de que todos compreendam e aceitem a diversidade entre as pessoas, de modo a contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Esse estudo também é relevante para uma melhora na prática pedagógica diária, pois de nada adianta termos um aluno com necessidades educacionais especiais matriculado na escola se não houver pessoas comprometidas, pois será mais uma das crianças “incluída”. Neste sentido, precisa haver empenho diário para garantir a aprendizagem de todos.

A busca pelo reconhecimento e respeito pelas pessoas com autismo deve ser permanente. Por isso, se faz necessário o investimento em serviços e pesquisas sobre a remoção de barreiras sociais e equívocos sobre o autismo. O interesse pelo tema surgiu a partir de uma experiência profissional no ano de 2018 quando iniciei meu trabalho na educação especial e atuei com crianças autistas de diferentes níveis. Com isso surgiu a necessidade de investigar e entender mais sobre metodologias a serem trabalhadas, a fim de verificar quais seriam as melhores técnicas e métodos de ensino para contribuir no desenvolvimento de ensino/aprendizagem do aluno autista. A presente pesquisa se justifica pela necessidade de entender como ocorre a escolha e a utilização de métodos e técnicas utilizadas pelos docentes no ambiente escolar, com o objetivo de melhorar as práticas diárias, e assim contribuir para o desenvolvimento e formação do aluno autista.

Diante disso buscou-se descrever os métodos e técnicas utilizados pelos docentes na educação especial, bem como conhecer e identificar como ocorre a efetivação desses métodos e técnicas, por meio de levantamentos de referências bibliográficas a fim de melhor atender as especificidades desses alunos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado um levantamento de referencial teórico, em livros, artigos, plataformas digitais e outros recursos de caráter bibliográfico para desenvolver uma breve explicação sobre os métodos e técnicas utilizados por docentes na prática pedagógica com alunos com TEA.

No decorrer da pesquisa foi realizado um breve contexto histórico de modo a demonstrar o desenvolvimento ocorrido ao longo dos anos acerca do TEA. Foram relatados os principais métodos que são utilizados na prática pedagógica: Tratamento e Educação para Autistas e crianças com distúrbios Correlatos da Comunicação (TEACCH), Análise Aplicada ao Comportamento (ABA) e o Sistema de Comunicação Mediante a Troca de Figuras (PECS).

A pesquisa bibliográfica é uma revisão literária sobre as principais teorias que conduzem o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, podendo ser realizada por meio de pesquisas em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras. Esses levantamentos são de grande importância para o bom desenvolvimento de um trabalho acadêmico, levando em consideração que são trazidas por diferentes autores e fontes (PIZANNI et al. 2012, p. 54).

De acordo com (PIZANNI *et al.*, 2012, p. 54) A revisão de literatura tem vários objetivos, entre os quais: proporcionar um aprendizado sobre uma determinada área do conhecimento; facilitar a identificação e seleção dos métodos e técnicas a serem utilizados pelo pesquisador”.

São necessários alguns passos para que a pesquisa bibliográfica seja realizada com êxito, tendo como objetivo facilitar a prática da recuperação da informação. Antes de iniciar o trabalho de uma pesquisa bibliográfica,

[...]recomenda que se tenha claro e definido o tema da pesquisa. Nesta fase, o pesquisador deve formular um título para o seu levantamento bibliográfico e identificar os termos que expressem o seu conteúdo, não só no idioma português, como também em outros, principalmente em inglês por ser o idioma de grande acesso mundial (VOLPATO 2000 apud PIZANNI *et al.*, 2012, p 57).

A revisão literária é comente um pré-requisito para o desenvolvimento de qualquer pesquisa, sendo que a pesquisa bibliográfica é uma etapa de grande valia

antes da execução ou desenvolvimento de um artigo, estudo, dissertação ou tese. Essa etapa não pode ser aleatória, por esse motivo ela implica em um conjunto estabelecido de metodologias de busca por soluções ao objeto a ser estudado (LIMA; MIOTO, 2007).

Ainda Segundo Lima; Mioto (2007 apud PIZANNI et al. 2012) quando uma pesquisa bibliográfica é bem-feita, ela é capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.

3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

3.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O termo autista tem sua origem do grego *autos*, que significa, “dentro de si mesmo”, sendo usado pela primeira vez em 1911 pelo psiquiatra suíço E. Bleuler. Esta definição foi dada, pois retrata a grande introspecção, ou seja, característica do indivíduo autista, que devido a sua dificuldade em concentração acaba demonstrando uma curta lista de interesses e dificuldades intensas em relacionar-se com as demais pessoas (CUNHA, 2009).

Mesmo Cunha (2009) reconhecendo Bleuler como o pioneiro do termo autismo, os maiores levantamentos bibliográficos foram descritos pelo psiquiatra Leo Kanner em 1940, onde desenvolveu seu trabalho com crianças autistas, juntamente com Hans Asperger, sendo que os mesmos investigaram grupos de diferentes crianças, as quais apresentavam os mais variados sintomas (CUNHA, 2009).

Kovalti (2003) afirma que segundo a American Society for Autism (ASA) os indivíduos autistas demonstram com frequência ao menos metade das características listadas abaixo. Esses sintomas podem variar do fraco ao severo, sendo que a intensidade vai de sintoma para sintoma. Ainda, o comportamento geralmente ocorre por meio de diferentes acontecimentos e é consistentemente inadequado para sua idade:

Dificuldade de relacionamento com outras crianças; Riso inapropriado; Pouco ou nenhum contato visual; Aparente insensibilidade à dor; Preferência pela solidão; Modos arredios; Rotação de objetos; Inapropriada fixação em objetos (apalpá-los insistentemente, mordê-los...); Perceptível Hiperatividade ou extrema inatividade; Ausência de resposta aos métodos normais de ensino; Insistência em repetição, resistência à mudança de rotina; Não tem real medo do perigo (consciência de situações que envolvam perigo) (KOVALTI 2003, p.24).

Kanner (1943, apud CUNHA, 2009 p.21) estudou um grupo de crianças com deficiências mentais. Estas apresentam sintomas neurológicos e convulsões. O mesmo acreditava também que o autismo era desenvolvido em crianças geradas em mães com comportamento “frio” e áspero, onde acusou por anos as mães de serem culpadas pelo desenvolvimento da doença nas crianças. Contudo, da década de 60

foi apontado que o autismo era causado por fatores genéticos, podendo ser consequências de problemas metabólicos ou mecânicos (CUNHA, 2009).

Para identificar o autismo atualmente é fundamental passar por diferentes profissionais, a fim de obter um diagnóstico preciso. Antes do diagnóstico concreto um autista pode ser apresentar diferentes suspeitas, como deficiência mental, transtornos emocionais, déficit compulsivo agressivo, entre outros. Frente a esses possíveis diagnósticos, existem alguns que tender a ser mais frequentes: comportamentos agressivos, dificuldade na interação e comunicação social e dificuldade no se expressar. Disse Kenner (1943) que mesmo as pessoas estranhando, a deficiência mental não é uma característica diagnóstica do autismo (MORAES; ANJOS, 2016).

Apesar de novas descobertas sobre o tema, a causa do autismo ainda gera muitas discussões científicas. Porém, não extingue o diagnóstico neurobiológico:

Uma pessoa com comportamentos que preencham requisitos para o diagnóstico de autismo pode ter um exame cromossômico que dê o diagnóstico de X frágil. Neste caso, os sintomas comportamentais seriam consistentes com um diagnóstico de autismo com todas as implicações que isso possa ter em termos de manejo e prognóstico, e a causa biológica para essa síndrome comportamental seria a síndrome do X frágil, com as devidas consequências em termos genéticos e de prognóstico (ROTTA, 2007, p.427).

3.2 O QUE É O AUTISMO?

O transtorno do espectro autista é um transtorno global que ocorre no desenvolvimento infantil, se manifestado antes dos 3 anos de idade e prolongando-se por toda a vida, resultante ainda de causas indefinidas, porém com grandes contribuições de fatores genéticos. Trata-se de uma síndrome complexa, por isso a variabilidade de diagnósticos dados pelos médicos, já que se tratam de quadros comportamentos totalmente diferentes (JUNIOR; CUNHA 2010).

Um sujeito com TEA pode apresentar diferentes níveis, devido a realidade da dificuldade na comunicação, na interação social e de comportamento do autista. O uso atual da nomenclatura Transtorno do Espectro Autista possibilita a abrangência de distintos níveis do transtorno, classificando-os de leve, moderado e severo. Assim, cada indivíduo tem que ser considerado como ser único, levando em consideração o

seu nível intelectual, não podendo generalizar, pois cada característica é o que diferencia o nível desse transtorno. (SANTOS; VIEIRA, 2017).

As particularidades na pessoa autista alteram conforme o transtorno identificado, levando a uma série de perturbações do desenvolvimento da criança, determinada por um conjunto de sintomas e provocadas por um problema a nível neurológico, desencadeando a falta de habilidades sociais no qual a pessoa deixa de entender o outro. Os indivíduos autistas ainda apresentam sintomas como, dificuldade da fala verbal e não verbal, fazendo o uso de movimentos e ações repetitivas, onde os sintomas podem ser identificados antes dos 3 anos de idade, podendo melhorar com o passar dos anos devido a realização de tratamentos (AUTISM CONSORTIUM, 2008).

Com os anos o conceito de autismo sofreu diversas modificações. Mas, ainda recebe os mais variados diagnósticos médicos, indo desde o transtorno obsessivo compulsivo, personalidade esquizoide, esquizofrenia, transtornos de humor, até deficiência mental isolada. Mesmo assim, hoje, o quadro clínico do autismo é bem definido e caracterizado como um conjunto de sintomas e dificuldades, manifestando-se o comprometimento do relacionamento social, por comportamento repetitivo, dificuldades de linguagem, além da persistência em determinadas rotinas não funcionais (STELZER 2010, apud LOCATELLI; SANTOS, 2016, p. 204c).

Na abordagem de Surian (2010 apud MELO p. 45, 46 2014) o terceiro aspecto da tríade são os interesses e as atividades lúdicas. De acordo com o referido autor a ausência de jogos de fantasia no segundo ano de vida é um dos primeiros sintomas claros do autismo.

Devem ser observados, pelo menos quatro aspectos para que o diagnóstico do autismo seja confirmado, entre eles podemos citar os interesses estereotipados e muito restritos; aderência inflexível a rotinas ou rituais disfuncionais educação e administração. Instituto de educação; maneirismos motores e movimentos estereotipados e o Interesse intenso e persistente por partes de objetos. A criança autista normalmente sente-se confortável ao realizar as mesmas tarefas, seguindo rigorosamente a mesma rotina no dia-a-dia. Essa prática diária pode socialmente marginalizá-la, impedindo-a de obter conhecimentos novos, por outro lado às rotinas apropriam-se da função de “tranquilizar” o indivíduo (KLIN, 2006).

Wing e Gould (1979 apud LOCATELLI; SANTOS 2016 p.2005) classificaram esses sintomas em três grupos denominados como tripé dos sintomas autísticos.

Figura 1: Tripé do Espectro Autístico.



Fonte: LOCATELLI; SANTOS, 2016.

Para um autista a principal área prejudicada, e a mais evidente, é a da habilidade social. O obstáculo de elucidar os sinais sociais e as intenções dos outros impede que as pessoas com autismo entendam corretamente alguns acontecimentos no ambiente em habitam. Outra área comprometida é a da comunicação verbal, não verbal e a das inadequações comportamentais. Crianças com autismo demonstram grande interesse em atividades que são repetitivas e não sabem como lidar com coisas novas e inesperadas e tem pouca a aceitação quando se fala em mudanças para mudar as rotinas (LOCATELLI; SANTOS, 2016).

Stelzer explica que:

O termo tem origem no grego: "autos" que significa "próprio" (ZAFEIRIOU et al., 2007). Clemens Benda (apud BENDER, 1959)

destaca que o termo “idiotia”, de origem grega tem o mesmo significado de “autismo”, de origem latina, descrevendo uma pessoa que vive em seu próprio mundo, uma pessoa fechada ou reclusa. (STELZER. 2010, p. 7 apud LOCATELLI; SANTOS 2016, p. 205)

O indivíduo autista apresenta grandes dificuldades em perceber delicadeza e linguagem, bem como de interpretar movimentos, gestos e diferentes intenções nas expressões faciais dos demais indivíduos. Uma das questões mais curiosas do autista, nos diferentes aspectos, é a questão do olhar diferenciados que os mesmos utilizam para expressar o afeto, já que o indivíduo autista não apresenta habilidades como toque físico, tato e visual, demonstrando não gostar de contato dessas habilidades causando-lhe grandes incômodos. (LOCATELLI; SANTOS, 2016).

Devido à evolução classificatória das possíveis causas do autismo, permitiram-se que outras possibilidades fossem observadas, entre elas, pode-se as funções executivas, sendo responsáveis pela interação do indivíduo com o meio, incluindo pessoas e objetos, determinando sua ação. O espaço relacional das pessoas foi explicado pela Teoria da Mente, proposta inicialmente pelos primatologistas Premack e Woodruff, em 1978, a fim de estudar os estados mentais de chimpanzés (PAPIM; SANCHES, 2013).

A teoria da mente engloba a habilidade de atribuir os estados mentais, bem como os desejos, emoções, conhecimentos e crenças. Assim ela não engloba somente o pensar sobre os pensamentos, mas também a capacidade de entender os pensamentos das outras pessoas que poder diferenciar dos seus e assim considerar os fatores que lavaram a esses estados mentais. Essa metodologia contribui com indivíduos autistas, já que os mesmos apresentam dificuldades em demonstrar por meio de gestos ou ações emoções, sentimentos ou pensamentos.

De acordo com Moreira (2005), essa hipótese passou designar a capacidade de atribuir a si próprio ou aos outros, sentimentos e pensamentos, com o objetivo de explicar comportamentos. A ausência desta competência foi logo relacionada aos sintomas presentes no autismo.

O profissional conhecendo o conjunto de sintomas geralmente apresentados pelos indivíduos com autismo irá buscar conhecimentos embasados nesses sintomas e assim terá facilidade na escolha da metodologia que melhor se adequa aos seus alunos, contribuindo para o desenvolvimento do mesmo.

Ao falar sobre TEA não devemos pensar nas dificuldades enfrentadas pelas pessoas com autismo e sim nas possibilidades de conhecimento, buscando sempre uma evolução no aspecto pessoal, educacional e profissional, esses são desafios a serem vencidos e o primeiro passo é conhecer o autismo para ampliar as possibilidades de tratamento e decisões a serem tomadas, buscando cada vez mais por melhores condições para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social (SANTOS; VIEIRA, 2017).

Definitivamente, o autismo infantil não é uma doença, mas faz parte de um grupo de males cujas principais características são: quedas na qualidade das interações sociais recíprocas e formas de comunicação, além de uma variedade de interesses e atividades restrita, estereotipada e repetitiva. Trata-se, portanto, de uma série de distúrbios que são característicos e possuem diversas nuances e graus variados de gravidade (MENTONE; FORTUNATO, 2019). Para Marques e Mello (2005, p. 146 apud MENTONE; FORTUNATO, 2019, p. 117) os autistas apresentam determinados déficits que dificultam o aprendizado, bem como dificuldade na fala, na comunicação expressiva, memória sequencial, sensibilidade sensorial e falta de interação social.

Para entender o autismo é preciso construir um conhecimento, já que é necessário ir além do que os olhos enxergam, apresentando diversas dúvidas sobre um indivíduo autista. Com isso é fundamental que os responsáveis, profissionais da educação e saúde, precisam colaborar, conquistando em conjunto, novos avanços. Quando as necessidades são identificadas, torna-se mais fácil a busca por diferentes e melhores metodologias nas formas para amplificar um exercício dirigido as particularidades do autista. É preciso estar disposto a lutar todos os dias mesmo que tudo o que for ensinado não seja aprendido (SANTOS; VIEIRA, 2017).

3.3 COMO ACONTECE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇA AUTISTA?

Com base em Carothers e Taylor (2004 apud SANTOS et al) a educação de uma criança autista tem como finalidade ampliar sua independência, bem como possibilitar mais segurança ao realizar atividades no seu dia-a-dia, melhorando sua qualidade de vida e de seus familiares.

A criança autista tende a fixar rotinas, isso pode ser utilizado em favor dela mesma. Deve-se trabalhar com a organização de rotinas e horários para as diferentes atividades do dia, contudo isso deve ocorrer naturalmente, já que ao mesmo tempo que a rotina é de grande valia, é fundamental também considerar que o autista precisa aprender a conviver com as mudanças. Sendo assim, os responsáveis e professores, precisam fazer pequenas alterações no cotidiano da criança, dando início uma de cada vez, tais como mudar o trajeto de ir para a escola, ou até mesmo mudar o local da carteira onde a criança se senta. Deve ser mostrado o quanto antes para a criança que as mesmas precisam aprender a lidar com mudanças, não se apegando em rotinas (SANTOS et al, 2010).

Cunha (2013, p.46) Indaga que diversas vezes a prática educativa é criada pelos saberes experiências na educação da criança com autismo “ainda que não possuam fundamentos teóricos e que tenham origem no senso comum ou em representações de grupos sociais”.

Quando este faz a assertiva que “os saberes originários da experiência de trabalho parecem constituir o alicerce da prática e da competência profissionais”, Entretanto, é fundamental o consenso entre a prática e a teoria, respaldando e orientando às atitudes, analisando e causando iniciativas novas (TARDIF apud CUNHA 2013, p. 46).

A participação dos pais é muito importante no processo de aprendizagem da criança e são eles responsáveis por grande parte da aprendizagem do filho, bem como do incentivo ao convívio social. Os responsáveis devem dar preferência a passeios em locais públicos com seus filhos, para que as crianças possam caminhar, brincar e ter contato físico com diferentes crianças. É de grande valia que toda atividade seja pensada e planejada com antecedência, e que os responsáveis estejam cientes de que terão controle sobre diferentes situações que possam ocorrer, a fim de não serem pegos de surpresa com imprevistos (SANTOS et al, 2010).

3.2.1 Métodos e Técnicas Utilizados na Formação do Aluno Autista

A arte de lecionar nunca foi uma tarefa tão simples, pelo contrário, o processo requer uma série de habilidades e competências para que o docente consiga

diferenciar e articular condições sociais, individuais, internos e externos, que influenciam o tempo todo no ensino.

Deste modo, falar sobre a educação de crianças autistas no contexto educacional, de fato ainda é um muito complicado, visto que requer várias implicações que não possibilitam que a palavra inclusão seja literalmente vivenciada na maioria das escolas públicas. Seja por falta de incentivo e investimentos governamentais, seja pela falta de assistência e parceria de todos os membros da instituição, seja carência de formação do professor ou mesmo pelo conceito de que crianças autistas não aprendem (LEMOS, 2012).

A Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 institui uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garante perante o Art. 2ª Parágrafo VII –“o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis” (BRASIL, 2012).

É fundamental que os profissionais da educação busquem essa formação e capacitação, já que os professores devem estar preparados para o acolhimento e para o ensino dessas crianças na sala de aula na tentativa de promover a aprendizagem. Conhecer e entender como iniciar um processo de ensino com um indivíduo autista é um passo importante, sabendo que esta tem direito a uma educação de qualidade, como ainda impõe a lei no que diz respeito ao acesso no Art. 3º, parágrafo IV - que “todo autista tem direito à educação e ao ensino profissionalizante” (BRASIL, 2012).

Entretanto, antes de iniciar qualquer método de intervenção é necessário salientar que o planejamento precisa ser organizado de acordo com as etapas de vida do aluno, assim, com crianças pequenas, a prioridade precisa ser terapia da fala, da interação social/linguagem, educação especial e suporte familiar já entre os adolescentes e adultos, os objetivos seriam os grupos de habilidades sociais, terapia ocupacional e sexualidade (BOSA, 2006).

O profissional, seja da educação ou saúde, precisa conhecer o indivíduo que estará atendendo, para que assim o mesmo consiga preparar seu material e rotina de acordo com a faixa etária em que o aluno se encontra e assim consiga trabalhar atividades relacionadas com a devida etapa e assim melhorar o seu desenvolvimento acadêmico e social.

O Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits relacionados com a Comunicação (TEACCH), Sistema de Comunicação por Troca de Figuras

(PECS) e *Applied Behavior Analysis* (ABA) são alguns exemplos de programas de trabalho com alunos autistas. Mello (2001) mostra o TEACCH, como sendo um método totalmente voltado para a comunicação e independência da criança (BIANCHI, 2007).

Existem diferentes tipos de métodos e técnicas que podem ser utilizados com autistas, tanto dentro do contexto escolar quanto fora de sala de aula. Cabe o professor escolher o método que se adequa dentro das condições do espaço que estará inserido e o perfil dos seus alunos.

O programa TEACCH foi desenvolvido pelo Departamento de psiquiatria da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos em 1966, sendo hoje um dos mais usados em todo o mundo. O criador Dr. Eric Schoppler, verificou em seus estudos que a forma mais eficaz de ajudar indivíduos autistas era ensinando aos pais e professores métodos de educação especial e técnicas comportamentais que respondessem às suas necessidades (MELLO, 2001).

A abordagem educacional usada deve ser focada no conhecimento sobre as formas singulares com que as pessoas com TEA aprendem. De acordo com as pesquisas realizadas pelo TEACCH, o ensino estruturado é o meio facilitador mais eficiente para a “cultura do autismo” (MESIBOV apud LEITÃO, 2016).

O programa utiliza uma avaliação denominada Perfil Psicoeducacional Revisado (PER-R) que tem como principal objetivo verificar quais são os pontos fortes (o processamento visual, a memória visual e a memória para rotinas) e os pontos fracos do indivíduo, para então começar o atendimento de maneira individualizada (MELLO, 2001).

De acordo com Mello (2001) o trabalho com o programa TEACCH consiste em organizar todo o meio educacional em forma de rotinas, podendo ser estruturadas em quadros, painéis ou agendas, tornando assim mais fácil para o indivíduo encontrar-se no ambiente, e assim compreender o que é esperado dele naquele local.

Apesar do método TEACCH ser trabalhado por meio de rotinas, vale salientar que a mesma precisa ser trabalhada naturalmente. Mesmo o autista demonstrando gostar de atividades de vida diária repetitivas precisa entender dar vez a outras atividades e metodologias e assim não ficando “escravos” de rotinas.

Schwartzman (1995 apud THEODORO, 2016) coloca que as estratégias referentes ao programa TEACCH buscam:

- Possibilitar o progresso compatível a cada fase da vida;
- Funcionalismo;
- Autonomia;
- União familiar com a prática terapêutica (THEODORO, 2016).

Figura 2: Exemplo de rotina diária a ser realizada dentro do método TEACCH.



Fonte: GOBBATO, 2017.

O indivíduo autista associa os estímulos audiocinestésico-visuais, movimentos e sons a fotografias. Deste modo, o uso de cartões com imagens, desenhos, palavras escritas, símbolos e matérias concretos sequenciados, beneficiam o trabalho em nível de nome e objeto e ação, dando significado a todo tipo de comunicação (BORDIN 2006 Apud ARAÚJO 2015).

Com o TEACCH é possível organizar e sistematizar as tarefas a serem realizadas, fazendo com que o aprendizado das crianças seja mais eficaz, pois ajuda a criança modificar seus comportamentos de distração, resistência a mudança e na falta de motivação.

Destacando a importância de todas as instruções serem faladas em alto e bom tom, fazendo com que elas entendam o porquê de se fazer certas atividades, onde elas devem ficar, como fazer e o que fazer, independente de seus pais, assevera o professor (VIEIRA. 2004 apud ARAUJO. 2015, p 8).

De acordo com Santos (2015, apud LOCATELLI; SANTOS 2010) no método TEACCH a evolução é de acordo com as respostas que a criança dá durante o procedimento, ou seja, conforme a evolução da criança em cada etapa e gradativamente aumenta-se a exigência por uma nova aprendizagem. São destacados quatro níveis de desenvolvimento do autista para o tratamento do autismo, sendo:

No primeiro nível a criança não consegue estabelecer igualdade entre objetos quando questionada, sendo necessário organizar os objetos. Há a utilização de sistemas de trabalho em pranchas. Para se concretizar a fase é preciso realizar atividades estruturadas como transferências e encaixes.

No segundo já consegue relacionar os objetos entre si. Nesta fase a criança apresenta habilidades maiores, onde a mesma consegue emparelhar, selecionar e seqüenciar. Neste momento a criança já necessita de menos ajuda na realização da atividade, podendo variar entre parcial e a independência.

No terceiro a criança já identifica as figuras correspondentes aos objetos. As atividades serão realizadas visando habilidades, como: emparelhamento, seleção, sobreposição, associação e sequenciação, fazendo o uso de imagens e objetos. Nesse período encontram-se os alunos que reagem a comandos gestuais e verbais, podendo assim dar início ao treinamento no esquema de auto monitoramento de acordo com os sistemas visuais.

No quarto a criança já associa imagens idênticas e relacionadas. As atividades são realizadas em sistemas de trabalho visando o uso desta habilidade, bem como o emparelhamento, seleção, sobreposição, associação e sequenciação, utilizando imagens e códigos. O quarto nível corresponde ao maior nível de abstração e simbolismo, facilitando a alfabetização. O avanço das fases é determinado pela resposta da criança que por meio da aprendizagem por imitação consegue determinar uma estratégia para melhorar a comunicação (SANTOS, 2015).

No momento em que a criança demonstra total desinibição na execução de uma tarefa (conduta adquirida), passa a fazer parte da rotina de forma organizada. Além

de serem trabalhados os aspectos cognitivos da criança, são ensinadas noções de atividades de vida diária (AVD) e as atividades de vida prática (AVP), possibilitando maior independência. A utilização desse método possibilita à criança melhor compreensão e comunicação, trazendo tranquilidade a criança. Em suma, a turma é formada de no máximo 6 alunos, onde um professor e um assistente conduzem as atividades (ARAÚJO, 2015).

Em seus estudos Lovaas (1987 apud COELHO; AGUIAR, 2015) menciona a eficácia do método ABA na diminuição de sintomas agressivos, problemas comportamentais e no desenvolvimento de habilidades em crianças autistas. O mesmo ainda afirma que a utilização desse método propicia também a aprendizagem em contexto, se referindo à aprendizagem que ocorre nos ambientes naturais da vida da pessoa, favorecendo sua adaptação às atividades aplicadas à luz dos pressupostos analíticos-comportamentais.

O ABA vem com a finalidade de desenvolver no autista, competências em relação à comunicação, interação, adaptação social e autonomia. Quanto à duração e frequência das sessões devem ser determinadas de acordo com cada caso, de modo que seja levado em consideração o horário disponível pela criança e as características do dia-a-dia de cada uma. Contudo, o planejamento utilizado é individual, sendo apresentado por indicação ou instrução (BIANCHI, 2017).

As intervenções realizadas com o método ABA têm mostrado resultados expressivos onde cerca de 80% dos casos em TEA uma ótima evolução. Sendo possível ver uma melhora no âmbito social, como no meio familiar e escolar conseguido desenvolver atividades com pouca ou nenhuma ajuda (FREITAS, 2018).

A metodologia ABA é baseada na execução de atividades e na observação dos comportamentos oferecidos como resposta. Também é executado o sistema de recompensas, onde sempre que o aluno apresentar resposta correta receberá algo que lhe seja agradável em troca. Quando essa recompensa é utilizada de forma correta e eficiente, a criança tende a repetir essas respostas corretas. Porém quando há uma resposta negativa, procura-se descobrir qual estímulo que provoca tal reação, e a finalidade seria eliminá-lo para evitar esse reforço negativo, contudo é importante tanto os profissionais quanto os familiares manterem cadernos de registros diários para monitoramentos dos possíveis avanços e retrocessos (RODRIGUES; SANTOS, 2012).

Sempre que uma tarefa proposta é cumprida com sucesso atribui-lhe um reforço positivo (recompensa). Por exemplo, em crianças não verbais, tentasse que, quando têm sede, apontem um cartão com a imagem de um copo com água, em vez de gritarem. Quando realizam este comportamento de forma adequada, imediatamente surge a água, o que pode levar à repetição do ato de apontar o que deseja (COELHO; AGUIAR, 2015. p. 39).

Figura 3. Método para a criança fazer a correspondência entre a pergunta X imagem X resposta e principalmente ensinar o verbo no passado.



Fonte: RUSSO, 2018.

De acordo com a Associação de amigos do autista (AMA) (2015, p. 1 apud LOCATELLI; SANTOS, 2016, p. 209-210) existem diferentes métodos e técnicas de ensino por meio do tratamento de Análise Aplicada do Comportamento que tem se mostrado proveitoso do contexto de influências, bem como: “(a) tentativas discretas, (b) análise de tarefas, (c) ensino incidental, (d) análise funcional”. Assim sendo, o método de tratamento ABA edifica pré-requisitos para que o indivíduo observe o mundo de um jeito mais adequado, direcionando as suas competências para que o mesmo empregue essa habilidade de aprender para que realmente se torne

independente. Com isso, o método ABA resgata essa habilidade, transformando em comportamento adequado em competências efetivas.

Pedagogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogo, entre outros profissionais, se tiverem interesse podem se especializar em análise do comportamento. Deste modo, é provável que um pedagogo se sinta mais hábil para executar a pedagogia com indivíduos com TEA conhecendo e aprendendo o ABA, como exemplo. (FREITAS, 2018).

Para atuar como um analista do comportamento é necessário um exame de certificação internacional que irá validar o conhecimento de um profissional para atuação na área. O comitê responsável é o *Behavior Analyst Certification Board* (BACB), Comitê Certificador de Analista do Comportamento, com origem nos Estados Unidos, mas disponível a profissionais em vários países, inclusive no Brasil. (FREITAS, 2018).

Essa assistência é fornecida há muitos anos, por ONGs, como a AMA em São Paulo, devida a organização de grupos de pais e responsáveis, contudo, fora da rede pública. Isso, por conta da forte demanda da iniciativa privada por analistas do comportamento para atender crianças diagnosticadas com TEA. As escolas especializadas como as APAES e outras ONGs também têm esforços nesse sentido, porém, nem sempre em conformidade com as orientações da análise do comportamento (FREITAS, 2018).

Entretanto, por várias vezes, o método ABA e o TEACCH não são suficientes, já que é fundamental uma abordagem com uma perspectiva específica na comunicação com o indivíduo autista, que é um dos pontos onde ocorre maior dificuldade, principalmente quando se trata daqueles que possuem pouca ou nenhuma reprodução oral, por isso, encontram-se alguns métodos de comunicação diferentes, como o chamado PECS (ARAÚJO, 2016).

O Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras (PECS), tem o objetivo de possibilitar ou ampliar a comunicação de pessoas com distúrbios de desenvolvimento, principalmente quando se trata do autismo. Esse método ajuda o autista a compreender que através da comunicação realizada pela troca de figuras, pode se obter de maneira mais rápida o que deseja. Estimulando-o assim a comunicar-se e diminuir consideravelmente os problemas de relação, compreensão e de conduta que possam existir, visto que em muitos casos a criança autista que não

fala fica frustrada por não serem entendida e pode reproduzir um comportamento agressivo (MELLO, 2001).

O PECS é reconhecido no mundo todo por se dedicar aos componentes iniciativos da comunicação, é importante destacar que não é necessário o uso de materiais complexos ou caros. O mesmo foi desenvolvido tendo em vista para a utilização dos mesmos os educadores, cuidadores e familiares, o que permite sua utilização em diferentes ambientes. O PECS é dividido em diferentes fases. (NAZARI *et al.*, 2017).

Na primeira fase os alunos são ensinados a iniciarem a comunicação, desde o início, através de figura por um item muito desejado. Na segunda fase ensina-se os alunos a irem atrás de suas figuras, indo até alguém e assim fazer uma solicitação. Aprendem a serem comunicadores e persistentes. Na terceira fase os alunos são ensinados a isolar figuras e selecionar uma figura específica que retrate um objeto que eles desejam. Já na quarta fase os alunos são ensinados a utilizarem uma organização na frase para fazer uma solicitação na forma de "Eu quero". A quinta fase consiste em ensinar os alunos a responderem perguntas, como por exemplo, "O que você quer?" Na sexta e última fase os alunos são ensinados a dialogarem acerca de coisas do ambiente deles, tanto espontaneamente como em resposta a um questionamento, e assim ampliando o vocabulário (NAZARI *et al.*, 2017, p.9).

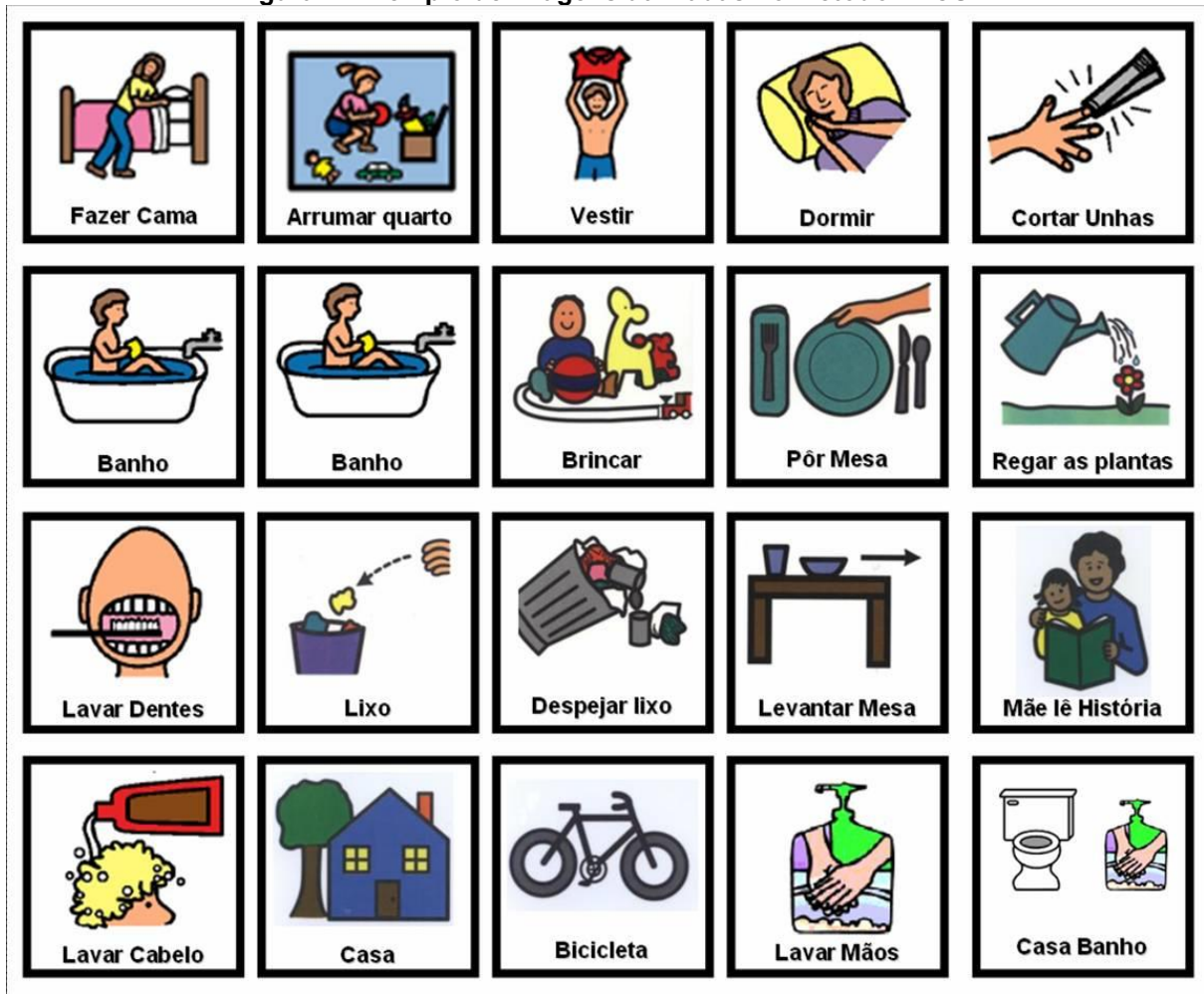
Um exemplo que pode-se citar é quando uma criança diz: "me dê água" ou mostra um bebedouro olhando para seu responsável solicitando água. Assim a criança está expressando um mando que é, conseqüentemente uma conduta que traz vantagens diretas à criança, destacando sua comunicação como útil (BARROS, 2003; ROSALES; REHFELDT, 2007, apud JESUS; OLIVEIRA, 2016).

Quando a criança requisita ou emite mandos estão desenvolvendo uma habilidade de fundamental importância, já que aprendem a comunicar qual o feito que aguardam depois da resposta verbal delas em determinada circunstância, proporcionando maior mando social do ambiente que estão inseridos e relacionamentos mais funcionais e convenientes com os demais (JESUS; OLIVEIRA, 2016).

Algumas crianças podem apresentar comportamentos agressivos para conseguirem algo que querem no momento, e ensinar a solicitar é importante para que estes indivíduos tenham a oportunidade de se expressar de forma mais positiva e palpável para elas e para os demais (CHAMBERS & REHFELDT, 2003; FREA,

ARNOLD & VITTIMBERGA, 2001; KELLEY, SHILLINGSBURG, CASTRO, ADISSON & LARUE, 2007; PIAZZA, BOWMAN, FISHER & THOMPSON, 1997 apud JESUS; OLIVEIRA, 2016).

Figura 4: Exemplo de imagens utilizadas no método PECS.



Fonte: VIEIRA, 2019.

O método PECS possibilita para a criança escolha de figuras que retratem o objeto desejado por ela, entregando nas mãos do responsável pela atividade, para que assim o mesmo possa lhe entregar o objeto físico, de modo a possibilitar que a criança se comunique por meio da figura dentro do cenário social. As figuras trabalhadas podem ser com desenhos lineares em preto e branco ou colorido, apresentando por meio de fotografias, devendo estar em fácil acesso da criança em qualquer espaço de sua casa, podendo, ainda, ser usado um prendedor ou fita para prender a figura no quadro ou em outro local.

Segundo Santos e Souza (2015, p. 28 apud LOCATELLI; SANTOS p. 210, 211, 2016) o PECS constitui de seis etapas sequenciais, sendo elas, o intercâmbio físico, requerendo o acompanhamento de dois terapeutas, devendo evitar os estímulos verbais, respondendo como se a criança tivesse se comunicado pela fala e organizado pelo menos trinta oportunidades no dia-a-dia. Esta fase compreende a troca completamente assistida, o reforço gradual e os inevitáveis problemas relacionados a irritação, falta de atenção, entre outros. Na fase seguinte é desenvolvida a espontaneidade, que envolve passos fundamentais como possibilitar pequenas brincadeiras de dez a quinze segundos com o objeto almejado ou que coma parte de um alimento. Recomenda-se aumentar a distância entre a criança e o terapeuta, e na sequência entre a criança e a imagem.

Outro método utilizado é a discriminação de fotografias, onde a princípio se apresenta um objeto que a criança deseje muito e um que ela não goste, fornecendo o reforço desejado e tecendo elogios perante a opção correta, devendo ir colocando imagens e manuseando o valor do reforço das “não preferidas”, para que a criança aprenda a fazer suas escolhas. Neste momento é fundamental que sejam trocadas as imagens no quadro de aprendizagem para que não ocorra rotina, podendo ser acrescentado o título “não desejado” em algum lugar entre as demais figuras. Na próxima fase é trabalhado a estrutura da oração, onde a criança já vai requisitar artigos presentes e não presentes usando uma frase formada por inúmeras palavras que observa em um livro (LOCATELLI; SANTOS, 2016).

O indivíduo autista coloca uma imagem de “Eu quero” numa tira de velcro, em seguida coloca uma imagem do que almeja na fita e entrega toda a tira de velcro ao seu interlocutor. É muito importante que se criem oportunidades para que a autista peça objetos que não estão ao alcance de seus olhos. Por fim a criança é estimulada a desenvolver a fase do questionamento, o autista poderá espontaneamente pedir uma diversidade de objetos e responder a esta pergunta. A princípio a pergunta é acompanhada pela presença visual da frase “Eu quero” no quadro de comunicação, para que em seguida se vá aumentando o intervalo de atraso assim o autista responde de modo apropriado a questões como “O que queres?”, “O que tens?” e a outras perguntas parecidas quando são feitas de modo aleatório (LOCATELLI; SANTOS, 2016).

O PECS é o método de comunicação mais usado com autistas, podendo ser trabalhado desde os primeiros anos de vida. Outro benefício desse método são os

materiais utilizados, já que são mais simples e baratos, por isso ele tem sido utilizado em diferentes lugares, sendo muito popular o seu uso em escolas (com classes especiais), terapias e em casa. Quando bem empregado, o PECS retrata progressos na comunicação, por meio de cartões em crianças que não desenvolveram a fala, e também na organização da linguagem verbal das crianças que falam (KOVALTI, 2003).

O PECS apresenta vantagem sobre o ABA e TEACCH, pois é um método simples, já que não demanda materiais simples (figuras ou imagens impressas, por exemplo), e é um método relativamente fácil de aplicar, por isso, torna-se mais acessível à familiares e profissionais relacionados à educação do autista. Além de que, oferece maior autonomia à criança, uma vez que lhe proporciona escolher a figura para se comunicar e favorece um dos maiores pontos positivos do autista que é a percepção visual.

Com isso, segundo Bereohff “educar uma criança autista é uma experiência que leva o professor a rever e questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação normalidade e competência profissional” (BEREOHFF *et al.*, 1994, p.11).

O trabalho escolar com crianças autistas precisa conter rotinas e instruções visuais. No entanto, são necessários professores com experiência para promover a aprendizagem, conhecendo os métodos e adaptando-os à necessidade do aluno. Além disso, é de vital importância a colaboração entre a família e a escola, pois quanto mais alinhados estiverem melhores serão os resultados (MENTONE; FORTUNATO, 2019).

O autismo é um transtorno que atinge a forma de como uma pessoa se comunica e se relaciona com outras pessoas. Por não apresentar deficiências físicas, dificulta a compreensão da sociedade em relação às necessidades dos autistas. Profissionais e pesquisadores da área educação vem desenvolvendo programas alternativos e técnicas de intervenção para a educação destes alunos que tendem a enfatizar a correção das especificidades comportamentais para melhorar o rendimento no contexto educacional facilitando assim o contato da criança autista com todos (PAPIM; SANCHES, 2013).

Partimos da premissa que o professor deve preparar-se para proporcionar o contato da criança autista com os diferentes tipos de ferramentas disponíveis, podendo ser desde os mais simples (produzidos por ele mesmo, com diferentes tipos

de materiais) até os meios tecnológicos utilizando atividades multimídias possibilitando assim diferentes benefícios para a criança.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da revisão bibliográfica foi possível perceber que o Autismo é um transtorno que afeta o desenvolvimento, ou seja, aquele progresso neurológico que foge as normas previstas, demonstrando dificuldade de comunicação, comportamento repetitivo e na socialização.

Uma criança com autismo demanda de mais tempo para que aconteça o processo de aprendizado e assim possa ser observada uma evolução, sendo necessária calma e empenho por parte dos envolvidos. Com isso, é necessário entender que o tempo de uma criança com autismo deve ser respeitado, já que o mesmo tem suas peculiaridades. Portanto, é fundamental que os pais e educadores incentivem e mostrem às crianças que elas conseguem aprender para que se sintam estimuladas.

A educação é um dos maiores instrumentos para a evolução de uma criança com autismo. Através da educação essas crianças conseguem compreender conteúdos do ambiente escolar e atividades de vida diária. O desenvolvimento da aprendizagem de um indivíduo autista não é uma tarefa fácil, porém fica evidente que com atenção, cuidado e amor eles podem atingir uma vida com mais qualidade e independência.

A pesquisa teve como finalidade a obtenção de conhecimentos referentes aos métodos e técnicas de ensino utilizados no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com o Transtorno do Espectro Autista, depois de toda análise do trabalho proposto foi possível descrever e reconhecer os conceitos de autismo, seu contexto histórico, suas características, suas transformações para chegar a uma possível conclusão do que é o autismo hoje no âmbito educacional, no dia-a-dia de cada indivíduo.

Durante a pesquisa foi possível analisar os métodos e técnicas de ensino utilizados pelos professores em sala de aula no cotidiano para trabalharem com aprendizes autistas, bem como destacar a importância de utilizarem métodos e técnicas de ensino específicos com os referidos alunos, favorecendo assim uma aprendizagem significativa, contínua e concretizada.

Posto isto, cabe a cada docente utilizar os métodos e técnicas de ensino que forem mais adequados para o contexto que os alunos estão inseridos, objetivando

atingir rendimentos na aprendizagem dos mesmos. No entanto, vale destacar que diante de cada situação vivenciada ainda se encontra os obstáculos tanto com as crianças, quanto com o espaço para desenvolver as atividades diárias.

Por meio deste estudo pode-se afirmar que o professor como mediador do conhecimento deve instigar e estimular seu aluno para ter êxito no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos, contudo a família também desempenha um papel importante para o desenvolvimento das pessoas com autismo.

O profissional que trabalha com crianças autistas deve conhecer os diferentes métodos e técnicas abordadas ao longo dessa monografia, bem como o ABA, PECS, TEACHH, dentre outros. Contudo, o apoio à família e à preservação da subjetividade da pessoa é de fundamental importância para qualquer prognóstico positivo. Diante disso, o autismo não pode ser visto como o rótulo de “inessibilidade”, deve se descobrir o que há dentro de cada criança, suas dificuldades e potencialidades.

Com base em todo trabalho exposto pode-se considerar que é de fundamental importância a realização de uma metodologia conveniente em sala de aula, seja ela na educação especial ou educação básica, visto que, um bom material didático faz com que o aprendiz desperte interesses, comportamentos e habilidades diversificados, alcançando seus objetivos e vencendo suas limitações.

O estudo realizado apresenta informações que demonstram a evolução dos estudos sobre o transtorno do espectro autista e relata os principais métodos utilizados por profissionais da educação, saúde e pelos responsáveis no desenvolvimento da vida acadêmica e social do indivíduo autista.

Os métodos abordados no decorrer da pesquisa são os mais utilizados pelos profissionais, bem como os mais eficazes, devido ao fato de serem de fácil acesso e utilização. Com o exposto verificou-se a importância de uma metodologia adequada, levando em consideração as características e as necessidades pessoais e educacionais do indivíduo que se tem a frente, favorecendo vínculos positivos com a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, E. **A contribuição do método TEACHH para o atendimento psicopedagógico**. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1303/1/ENA27092016>>. Acesso em junho 2020.
- AUTISM CONSORTIUM. **Informações para pais de crianças com espectro autista**. Disponível em: http://www.autismconsortium.org/attachments/PIP_PORT_2013.pdf. Acesso em outubro 2019.
- BRASIL, Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista**. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_14.pdf>. Acesso em outubro 2019.
- BEREOHFF, A.M. P et al. **Considerações técnicas sobre o atendimento psicopedagógico do aluno portador de condutas típicas da síndrome do autismo e de psicoses infanto-juvenis**. Brasília: ASTECA, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.unisanta.br> >. Acesso em outubro 2019.
- BIANCHI, P. C. **A educação de alunos com transtornos do espectro autista no ensino regular: desafios e possibilidades**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150651/bianchi_rc_me_fran.pdf>. Acesso em junho 2020.
- BOSA, C. A. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. *Rev. Bras. Psiquiatr.* 2006. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462006000500007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em outubro 2019.
- COELHO, A.M. AGUIAR, A.I. **Intervenção psicoeducacional integrada nas perturbações do espectro do autismo: Um Manual para Pais e Professores**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 2013.
- CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – idéias e práticas pedagógicas**. 2ª ed. RJ: Wak Editora, 2013.
- ESTELZER, F. G. **Uma Pequena História do Autismo**. Pandorga, São Leopoldo, V.01, p.10-29, junho 2010.
- FREITAS, H. **O be-a-bá da terapia ABA: O que é, como é aplicada e para o que é indicada?** São Paulo 2018. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/bem-estar,o-be-a-ba-da-terapia-aba-o-que-e-como-e-aplicada-e-para-o-que-e-indicada,70002511376>> Acesso em junho 2020.

GOBBATO, P. **Rotina diária a ser realizada dentro do método.** Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/352125264619787847/?nic_v2=1a5Hz1TA6>. Acesso em: Acesso em junho 2020.

JESUS, J.C; OLIVEIRA, T. P. **Análises de sistema de comunicação alternativa no ensino de requisitar por autistas.** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752016000100003>. Acesso em junho 2020.

JUNIOR, J. F.B; CUNHA, P. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Transtornos Globais do Desenvolvimento.** Disponível em: <http://www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/41/docs/a_educacao_especial_na_perspectiva_da_inclusao_escolar.pdf> Acesso em outubro 2019.

KLIM, A. **Autismo e a síndrome de Asperger: uma visão geral.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a02v28s1.pdf>>. Acesso em outubro 2019.

KOVALTI, M. **estratégias para estabelecer a interação da criança com autismo e o computador.** Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86277/201945.pdf?sequence=1>>. Acesso em junho 2020.

LEMOS, E. L. M. D. **Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre concepções e interações no contexto escolar.** Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7560/2/arquivototal.pdf>>. Acesso em outubro 2019.

LEITÃO, P.B. **Transtorno do Espectro do Autismo na perspectiva do ensino estruturado.** Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/12865>>. Acesso em julho 2020.

LOCATELLI, P.B; SANTOS, M.F.R. **AUTISMO: Propostas de Intervenção.** Publicado em: www.fsj.edu.br. 8ª ed. Acesso em junho 2020.

MELO, K. G. **O processo de ensino-aprendizagem da criança com autismo, na sala do ensino regular: das concepções às práticas das suas professoras e profissionais de apoio.** Disponível em: <<http://recil.grupolusofona>>. Acesso em junho 2020.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo: Guia prático. São Paulo: AMA, 2001.** Disponível em: <<http://www.autismo.org.br>>. Acesso em outubro 2019.

MINISTÉRIO PÚBLICO de São Paulo. **Cartilha: direitos da pessoa autista.** edepe. 2011.

MENTONE, E.C.P; FORTUNATO, I. **A tecnologia digital no auxílio à educação de autistas: os aplicativos abc autismo, aiello e scai autismo.** Disponível em: <<http://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article>>. Acesso em junho 2020.

MORAES, A. P. O; ANJOS, J. M. **Educação especial: autismo no ensino fundamental II da escola estadual de ensino fundamental e médio casimiro de abreu.** Disponível em: <http://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/>. Acesso em junho 2020.

MOREIRA, P. S. T. **Autismo: a difícil arte de educar.** Universidade Luterana do Brasil – Ulbra – Campus Guaíba – RS, 2005. Disponível em: <http://www.universoautista.com.br/materia/autismopesquisa.pdf>. Acesso em outubro 2019.

NAZARI, A. C. G et al. **Transtorno do espectro autista: discutindo o seu conceito e métodos de abordagem para o trabalho.** Disponível em < http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/transtorno_do_espectro_autista_discutindo_o_seu_conceito_e_metodos_de_abordagem_para_o_trabalho.pdf>. Acesso junho 2020

PAPIM, A. A. P; SANCHES, K. G. **Autismo e inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do atendimento educacional especializado em sua prática com crianças com autismo.** Disponível em: < <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56194.pdf>>. Acesso em junho de 2020.

PIZANNI, L. *et al.* **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento.** Revista digital biblioteconomia e ciências da informação. 2012.

RODRIGUES, K. E.S; SANTOS, M. F. R. **Crianças autistas: procedimentos metodológicos a favor da inclusão escolar.** Disponível em: < https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_05.pdf>. Acesso em junho 2020.

ROTTA, N. T. **Transtorno de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Porto alegre: Artmed, 2007.

RUSSO, F. **Método para a criança fazer a correspondência entre a pergunta X imagem X resposta e principalmente ensinar o verbo no passado.** Disponível em:<<https://neuroconecta.com.br/como-aplicar-terapia-aba/>>. Acesso em setembro 2020.

SANTOS, R. K; VIEIRA, A. M. E. C. S. **Transtorno do espectro do autismo (tea): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional.** Disponível em: < <http://periodicos.ufersa.edu.br/incluidere/article/view/pdf>>. Acesso em junho 2020.

SANTOS, C.F et al. **O processo de aprendizagem de crianças autistas.** Disponível em:<<http://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc12-3.pdf>>. Acesso em junho 2020.

THEODORO, L.R; MELO.J.F. **Implantação do programa TEACCH com ênfase da educação de jovens e adultos.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_p

de/2016/2016_artigo_edespecial_uenp_rosanadelimatheodoro.pdf>. Acesso em junho 2020.

VIEIRA,S. **Exemplo de imagens utilizadas no método PECS**. Disponível em: <<https://www.revistaautismo.com.br/artigos/pecs/>>. Acesso em setembro 2020.